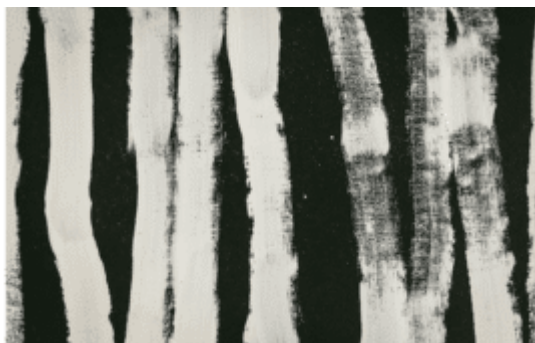


Novo “Consenso de Washington”



Por **JOHN BELLAMY FOSTER***

Uma nova grande estratégia imperial e de classe, que também governa a política interna dos EUA, mais perigosa e potencialmente mortal

Em 27 de abril de 2023, o assessor de segurança nacional dos EUA, Jake Sullivan, fez um discurso sobre “Renovação da liderança econômica americana” na *Brookings Institution*. O discurso de Jake Sullivan foi incomum e atraiu a atenção de todos por pelo menos três motivos. Primeiro, o que estava sendo anunciado era uma mudança fundamental em relação ao “Consenso de Washington” anterior, associado à globalização neoliberal, e sua substituição pelo que Jake Sullivan chamou de “Novo Consenso de Washington”, organizado em torno da Nova Guerra Fria de *fato* dos EUA contra a China.

A suposta ameaça da China foi usada para justificar sanções econômicas contra estados rivais e subsídios governamentais do lado da oferta para corporações em uma política industrial militarizada. Em segundo lugar, uma mudança tão importante na política econômica geral dos EUA não foi emitida pelo presidente ou por uma autoridade econômica de alto escalão, mas pelo Conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, o que evidencia a primazia do pensamento da Nova Guerra Fria.

Em terceiro lugar, para justificar a nova postura de Washington, Sullivan apresentou uma série de “desafios” ou crises enfrentadas pelos Estados Unidos, incluindo estagnação econômica, desindustrialização, mudança climática, aumento da desigualdade e diminuição da hegemonia dos EUA (Jake Sullivan, “[Remarks by National Security Adviser Jake Sullivan on Renewing American Economic Leadership at the Brookings Institution](#)”, 27 de abril de 2023, www.whitehouse.gov).

O ponto principal da doutrina Sullivan é a noção de que houve um “esvaziamento” da “base industrial” dos EUA como resultado da globalização neoliberal e da “dependência excessiva” dos EUA em relação à economia global. Isso tornou os Estados Unidos mais vulneráveis às novas ameaças geopolíticas e geoeconômicas representadas pela China como uma poderosa “economia não mercantil”, juntamente com as “ambições militares” da China e da Rússia.

Os Estados Unidos, insistiu ele, também estão enfrentando a necessidade de uma transição de energia limpa relacionada à crise climática. Enquanto isso, a crescente desigualdade “e seus danos à democracia”, que ele atribuiu principalmente ao “choque da China” na economia dos EUA por meio do comércio internacional, minou a posição da “classe média” dos EUA. A nova “política externa para a classe média” de Jake Sullivan é, na verdade, uma tentativa de criar um bloco sólido dentro das classes média e trabalhadora dos EUA para uma estratégia econômica que vincula o crescimento interno e os investimentos do lado da oferta em empresas importantes à Nova Guerra Fria com a China, apresentada como uma ameaça à ordem hegemônica baseada em regras dos EUA e, portanto, a todos os americanos.

Referindo-se explicitamente tanto aos ricos quanto aos não ricos da população dos EUA, ele declarou: “Estamos todos juntos nisso”, citando a frase de John F. Kennedy “a maré alta levanta todos os barcos”. Isso constitui, portanto, uma nova grande estratégia imperial e de classe, que também governa a política interna dos EUA.

Para colocar os comentários de Jake Sullivan sobre “Renovação da Liderança Americana” em sua devida perspectiva, é importante reconhecer o grau em que ele emergiu nas últimas décadas como o principal estrategista da Nova Guerra Fria e do domínio imperial dos EUA dentro do Partido Democrata. Ele foi vice-chefe de gabinete e diretor de planejamento de políticas da secretária de Estado Hillary Clinton. Nessa função, desempenhou papéis importantes no golpe de Estado apoiado pelos EUA em Honduras, no planejamento da invasão da Líbia pelos EUA e pela OTAN (juntamente com o envio do arsenal líbio capturado para a oposição síria) e na intensificação das ações dos EUA com o objetivo de derrubar o governo sírio.

Posteriormente, Jake Sullivan foi o elo entre o embaixador dos EUA Geoffrey Pyatt, a secretária de Estado adjunta Victoria Nuland e Joe Biden na revolução colorida/golpe de 2014 apoiado pelos EUA na Ucrânia. Ele fazia parte da equipe de Bill Clinton que promoveu o *Russagate* em 2016. De acordo com o jornalista Seymour Hersh, vencedor do Prêmio Pulitzer, Joe Biden autorizou Jake Sullivan a elaborar o plano para a explosão fatal dos oleodutos Nord Stream (Rick Sterling, “[Who Is National Security Adviser Jake Sullivan, the Man Running US Foreign Policy?](#)”, *Al Mayadeen*, 30 de junho de 2023, english.almayadeen.net; Seymour Hersh, “[How America Took Out the Nord Stream Pipeline](#)”, 8 de fevereiro de 2023, seymourhersh.substack.com).

A política militar-industrial superalimentada de Jake Sullivan concentra-se na recuperação da liderança tecnológica dos EUA em áreas estratégicas por meio de investimentos públicos. Isso é explicitamente modelado de acordo com (1) a *Defense Advanced Research Projects Agency* (DARPA) do Pentágono; (2) a *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) relacionada aos militares; (3) a criação da Internet, que inicialmente foi um produto do Pentágono por meio da DARPA; e (4) os satélites comerciais e militares da economia espacial.

De acordo com esse plano, o investimento público, em grande parte orientado pelas necessidades de poder geopolítico e militar, deve ser canalizado para áreas como semicondutores, chips avançados, inteligência artificial, computação quântica, biotecnologia e materiais essenciais para garantir o domínio tecnológico global dos EUA em todas essas áreas. Isso é acompanhado por sanções contra a China e tentativas de negar a ela tecnologias e conexões importantes com outros países, ao mesmo tempo em que a cerca com bases militares e alianças belicosas.

Tudo isso tem o objetivo de “liberar o poder... do capitalismo” e, ao mesmo tempo, as sanções destruirão Pequim como potência tecnológica, enfraquecendo-a e tornando-a vulnerável. De acordo com Gregory C. Allen, analista do influente Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais em Washington, a intenção da política tecnológica geral do governo Biden com relação à China é “estrangular ativamente grandes segmentos do setor tecnológico chinês – estrangular com a intenção de matar” (Sullivan, “Remarks”; Gregory C. Allen, “[Choking Off China’s Access to the Future of AI](#)”, Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, 11 de outubro de 2022, [www.csis.org](#)).

Ao apresentar a estratégia da Nova Guerra Fria, Jake Sullivan insiste que tudo isso é simplesmente necessário para competir de forma eficaz com a China, tanto econômica quanto estrategicamente, e que “não estamos buscando confronto ou conflito”. No entanto, essas declarações de intenção benigna são contraditas pela agressividade absoluta de Washington com relação a Taiwan. O governo Biden enviou repetidamente embarcações e aeronaves militares através do Estreito de Taiwan, que a República Popular da China, de acordo com a política de “Uma só China” – acordada pelos Estados Unidos juntamente com outros 180 países – reconhece como seu território, embora a ilha esteja sob um governo autônomo.

O Conselho de Segurança Nacional de Jake Sullivan é um ninho de falcões da China, a maioria dos quais escreveu livros e artigos sobre o confronto com Pequim e todos eles falam de uma competição belicosa com a China, se não uma guerra total contra ela (Sullivan, “Remarks”; “[Provocative Maneuvers and Close Encounters](#)”, Committee for a Sane U.S. – China Policy, com o título “A China é um país que não tem nada a ver com os Estados Unidos”). China Policy, [www.saneuschinapolicy.org](#); Alex Thompson, Phelim Kine e Max Tani, “[Jake’s Nest of China Hawks](#)”, *Politico*, 13 de abril de 2022).

Daniel Ellsberg

Daniel Ellsberg morreu em 16 de junho de 2023, aos 92 anos. Daniel Ellsberg sempre será amplamente aclamado por seu corajoso papel ao divulgar os *Pentagon Papers* para a imprensa, que revelaram a história oculta da Guerra do Vietnã que a Casa Branca e o Pentágono haviam escondido do público americano. Daniel Ellsberg foi líder de pelotão de fuzileiros navais, obteve um doutorado em economia em Harvard e trabalhou como analista militar sob o comando do Secretário de Defesa Robert McNamara e para a *RAND Corporation* antes de se desencantar profundamente com a ação dos EUA na Guerra do Vietnã e com a política nuclear dos EUA.

Ele se tornou um bom amigo do editor da *Monthly Review*, Paul Sweezy, e escreveu a introdução, [Call to Mutiny](#), para a edição americana de E. P. Thompson e Dan Smith, eds., [Protest and Survive](#) (Monthly Review Press, 1981), que também foi publicada como a Resenha do Mês na edição de setembro de 1981 da *Monthly Review*.

Daniel Ellsberg trabalhou como estrategista de guerra nuclear com McNamara. Em *Call to Mutiny*, ele argumentou que “a noção comum a quase todos os americanos de que ‘nenhuma arma nuclear foi usada desde Nagasaki’ está equivocada”. Os Estados Unidos mantiveram a opção do primeiro uso de armas nucleares a serem implantadas em todo o mundo contra países nucleares e, em alguns casos, não nucleares (desde 2010, os Estados Unidos indicaram que não usarão armas nucleares contra países não nucleares que, em sua opinião, estão em conformidade com o Tratado de Não Proliferação).

“Repetidas vezes, geralmente em segredo para o público americano”, escreveu Daniel Ellsberg em 1981, “as armas nucleares dos EUA foram usadas, com propósitos bem diferentes [do que dissuadir os soviéticos]: exatamente da mesma forma que uma arma é usada quando você a aponta para a cabeça de alguém em um confronto direto, independentemente de o gatilho ser puxado ou não”. Em *Call to Mutiny*, ele documentou doze desses casos. Mais tarde, em seu livro *The Doomsday Machine*, ele ampliou a lista documentada de ameaças nucleares dos EUA a outros países (quase todas dirigidas a potências não nucleares) para vinte e cinco (Daniel Ellsberg, “[Call to Mutiny](#)”, *Monthly Review*, setembro de 1981; Daniel Ellsberg, *The Doomsday Machine: Confessions of a Nuclear War Planner* [Bloomsbury]).

No livro *The Doomsday Machine*, Ellsberg também traçou a mudança da postura nuclear dos EUA, que começou no final do governo Jimmy Carter e se estendeu após o fim da União Soviética, da destruição mútua assegurada (MAD) para uma *estratégia de contraforça* muito mais perigosa e desestabilizadora, com o objetivo de desenvolver uma capacidade de primeiro ataque, ou primazia nuclear. A estratégia de contraforça tem como objetivo principal decapitar as forças nucleares da outra potência antes que elas possam ser lançadas, e as que sobram serão eliminadas por sistemas de mísseis antibalísticos.

Daniel Ellsberg deixou bem claro que tais ações, destinadas a vencer uma guerra nuclear – que atualmente estão sendo perseguidas unilateralmente pelos Estados Unidos com suas capacidades tecnológicas superiores e de base militar avançada (permitindo a entrega rápida de armas nucleares aos alvos) – correm o risco de desencadear máquinas do juízo final em ambos os lados e a aniquilação da maior parte da humanidade por meio do inverno nuclear (consulte John Bellamy Foster, “[‘Notes on Exterminism’ for the Twenty-First Century Ecology and Peace Movements](#)”, *Monthly Review*, maio de 2022).

Em 2006, Daniel Ellsberg recebeu o *Right Livelihood Award* e, em 2018, o Prêmio Olof Palme em reconhecimento às suas contribuições para a paz mundial. Em seus últimos anos, ele expressou forte apoio ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange, bem como a Chelsea Manning e Edward Snowden.

***John Bellamy Foster** é professor de sociologia na Universidade do Oregon (EUA) e editor da *Monthly Review*. Autor, entre outros livros, de *The Theory of Monopoly Capitalism* (Monthly Review Press).

Publicado originalmente na revista [Monthly Review](#).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)

A Terra é Redonda